



## O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO EM ARTHUR SCHOPENHAUER

THE WORLD AS WILL AND REPRESENTATION IN ARTHUR SCHOPENHAUER

Hayan Deonir Flach\*  
Douglas João Orben\*\*

**Resumo:** O artigo busca analisar os conceitos de vontade e representação na obra *O mundo como vontade e representação*, de Arthur Schopenhauer. A origem filosófica destes conceitos encontra-se em Kant, mais especificamente nas concepções de mundo fenomênico e *numênico* (coisa-em-si), os quais representam, respectivamente, o domínio do conhecimento possível e o âmbito daquilo que não se pode conhecer pela razão humana. Nesse contexto, Schopenhauer ressignifica o conceito kantiano de fenômeno, relacionando-o com o de representação, bem como afirma ser possível relevar o mundo *numênico*, no qual residiria a vontade. Com isso, a representação expressa a aparência externa do mundo, enquanto que a vontade é a essência em si de todas as coisas. Com efeito, a vontade é uma força cega, insaciável e irracional que move todos os seres. A partir daí, aborda-se as implicações geradas pela primazia da vontade perante as representações, especialmente na natureza humana, cujo resultado é dor e sofrimento.

**Palavras-chave:** Schopenhauer. Vontade. Representação. Kant.

---

\* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS e acadêmico do curso de Teologia da Faculdade Palotina - FAPAS. E-mail: hayanflach@hotmail.com

\*\* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas, RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: douglasorben@hotmail.com

**Abstract:** This article seeks to analyze the concepts of will and representation in Arthur Schopenhauer's work *The World as Will and Representation*. The philosophical origin of these concepts is found in Kant, specifically in the notions of the phenomenal world and the noumenal world (thing-in-itself), which respectively represent the domain of possible knowledge and the realm of that which cannot be known by human reason. In this context, Schopenhauer redefines Kant's concept of phenomenon by relating it to representation, and asserts that it is possible to access the noumenal world, where the will resides. Thus, representation expresses the external appearance of the world, while will is the essence of all things. Consequently, the will is a blind, insatiable, and irrational force that moves all beings. From there, the article addresses the implications generated by the primacy of will over representations, especially in human nature, resulting in pain and suffering.

**Keywords:** Schopenhauer. Will. Representation. Kant.

### Considerações iniciais

Inquieto sobre a seguinte questão: o que é que move as pessoas a fazerem o que fazem e, ainda, na tentativa de compreender racionalmente todas as coisas, cheguei a um ponto em que me deparei com questões que fogem completamente à razão. Mesmo sem conhecimento prévio da filosofia de Arthur Schopenhauer, deparei-me com uma barreira ao tentar saber o que é que movia as minhas vontades. Este foi o momento em que encontrei conforto na filosofia de Arthur Schopenhauer.

Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar os conceitos de vontade e representação na filosofia de Arthur Schopenhauer. Assim, a partir da obra: *O mundo como vontade e como representação*, o autor irá apresentar uma nova reflexão acerca da representação, que é sempre guiada pela vontade. E através da representação se poderá estabelecer um itinerário investigativo do elemento

que move a representação, ao qual Arthur Schopenhauer irá chamar de vontade. Nesse ponto, a filosofia de Schopenhauer fundamenta-se em uma análise ressignificativa do pensamento kantiano, especialmente dos conceitos de fenômeno e númeno, os quais estarão relacionados aos conceitos de representação e vontade, respectivamente.

## 1 O mundo como representação e vontade em Arthur Schopenhauer<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Arthur Schopenhauer nasceu em 1788 em Danzig (Gdąnsk) na atual Polônia e faleceu em 1860 em Frankfurt. Há registros fotográficos da sua figura nos últimos anos da sua vida, e estas imagens revelam um homem não muito atraente fisicamente, mas com o brilho no olhar de quem é determinado, vigilante, incisivo e caprichoso. Foi só ao final da vida que Schopenhauer passou a ser conhecido, não porque tenha tardado em escrever, mas porque não teve espaço em seu local de origem. Foi quando se instalou em Frankfurt, aos 45 anos, que Schopenhauer alçou voo com o seu sistema filosófico. Nietzsche escreveu sobre ele dizendo que deveríamos sempre recordar da sua energia quando aos 20 anos produziu a obra: *O mundo como Vontade e Representação*, que até bem perto do final da sua vida foi ignorada (Janaway, 2003, p. 13-15). A forte presença de espírito é um ponto marcante em Schopenhauer, e isso se torna perceptível na sua obra. Escreve com muita liberdade, destemor e detesta o conformismo nos meios acadêmicos germânicos. Sobre a sua personalidade, muito se assemelha ao pai, Heinrich Floris Schopenhauer, que era um rico comerciante, focado nos valores liberais do iluminismo e republicanism. Já com sua mãe Johanna Schopenhauer, era uma pessoa vívida, sociável e dedicada à literatura. Aos 17 anos perde o pai, o que fez com que sua mãe e irmã, Adele, se mudassem para Weimar, uma pequena cidade, mas de intensa produção cultural. Estando sozinho em Hamburgo, foi convidado por sua mãe para ir estudar em Gotinga, onde por alguns meses dedica-se ao estudo da medicina. Por conta de algumas leituras paralelas e pela influência de alguns mestres, passa a dedicar-se ao estudo das causas últimas, a filosofia. Entre os anos de 1809 e 1813 estuda nas cidades de Gotinga, Jena e Berlim, onde foi aluno de Fichte, Schulze e Schleiermacher. Assume-se como um discípulo de Kant, pois lutou pela demolição da metafísica dogmática, mas queixando-se sempre também da coisa-em-si, proposta por Kant. Para ele, esta era também uma definição sem muita solidez (Debona, 2019, p. 14-15). Ao passo que é um crítico ferrenho de Hegel, Schopenhauer influencia diretamente Nietzsche, Freud, Wittgenstein, Horkheimer, Richard Wagner, Thomas Mann, Leon Tolstói, Jorge Luiz Borges e Machado de Assis. Em quase todas as cidades que morou, desde que passou a dedicar-se à filosofia, fez ali germinar uma obra sua. Em Jena escreve a tese de doutorado: *Sobre a quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente* em 1813, a partir de um diálogo com Goethe em Weimar, escreve: *Sobre a Visão e as Cores* em 1816; em Dresden, escreve: *O mundo como Vontade e Representação*<sup>1</sup> em 1818, a qual é nosso material de estudo em nossa pesquisa.

---

Antes de iniciar o estudo sobre a vontade, é preciso ter ciência dos seguintes conceitos, a saber: mundo e representação. Além de serem constitutivos do próprio título da obra principal de Schopenhauer, estes são também dois conceitos-chave para a sistematização do seu pensamento filosófico. Ademais, Schopenhauer extrai e ressignifica, a partir da filosofia kantiana, os conceitos de fenômeno<sup>2</sup> e númeno<sup>3</sup>, os quais são relacionados diretamente aos conceitos de representação e vontade.

Ao afirmar o mundo como representação, afirma que tudo quanto há neste mundo é representado e passível de ser conhecido, estabelece-se deste modo uma dependência do mundo para com o sujeito. A representação tem validade para todo tipo de ser vivente, mas apenas o ser humano pode trazer a representação à consciência e fazer surgir dela a clarividência filosófica. O humano capta a representação e a torna conhecimento abstrato e consciente, passando a conhecer não a coisa-em-si, mas o fenômeno. “Torna-se-lhe claro e certo que não conhece Sol algum nem Terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um Sol, uma mão que toca uma Terra; que o mundo que o cerca existe apenas como representação” (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 3). Diante disso, o que existe é o que eu percebo e, portanto, há uma necessária relação entre o sujeito que percebe e o objeto percebido.

---

<sup>2</sup> Brevemente sobre o conceito de fenômeno, Kant diz que: “A coisa, tal como se pode compreender graças às faculdades que o homem possui, é a coisa na medida em que me aparece; é dada pelas formas da sensibilidade espaço e o tempo. [...] Igualmente o mundo em que vivemos e nos é acessível é o que aparece graças às nossas faculdades do conhecimento. Do mesmo modo o mundo científico, que surge pela contribuição do sujeito, é fenomênico” (Kant, 2001, p. 12).

<sup>3</sup> Brevemente, o conceito de “númeno significa a coisa não conhecida, pois só se conhece na medida em que nos aparece, mas pensada. A coisa que não está submetida às condições do conhecimento é a coisa em si” (Kant, 2001, p. 13).

---

A existência do fenômeno se dá a partir das formas *a priori* da consciência, a saber, tempo<sup>4</sup> e espaço<sup>56</sup>. Para que a representação seja efetivada e possa ser manifestada, a consciência aponta, portanto, para estas intuições, das quais o mundo objetivo e representado passa a existir a partir da causalidade (Ferreira, 2013, p. 8).

É evidente que o mundo é representação, ou ainda, fenômeno, mas não só. O mundo exclusivamente como representação é enganação e ilusão. É por isso que Schopenhauer apresenta que a essência do mundo é a vontade. A razão pela qual todo fenômeno existe, justifica-se numa pulsão de vontade que não é apenas livre, mas também onipotente, ou seja, dela decorre além da ação, o seu mundo.

Schopenhauer considera ainda que a vontade como legisladora da representação, é representada. O fato de ser representada não permite que a vontade seja conhecida inteiramente e por isso Kant estava correto em dizer que somente o fenômeno pode ser conhecido, já a coisa-em-si (númeno) não pode ser conhecida, apenas pensada (Kant, 2001, p. 15).

---

<sup>4</sup> O tempo é uma representação necessária que constitui o fundamento de todas as intuições. Não se pode suprimir o próprio tempo em relação aos fenômenos em geral, embora se possam perfeitamente abstrair os fenômenos do tempo. O tempo é, pois, dado *a priori*. Somente nele é possível toda a realidade dos fenômenos. De todos estes se pode prescindir, mas o tempo (enquanto a condição geral da sua possibilidade) não pode ser suprimido (KANT, 2001, p. 97).

<sup>5</sup> O espaço é uma representação necessária, *a priori*, que fundamenta todas as intuições externas. Não se pode nunca ter uma representação de que não haja espaço, embora se possa perfeitamente pensar que não haja objetos alguns no espaço. Consideramos, por conseguinte, o espaço a condição de possibilidade dos fenômenos, não uma determinação que dependa deles; é uma representação *a priori*, que fundamenta necessariamente todos os fenômenos externos (KANT, 2001, p. 91).

<sup>6</sup> Para um maior aprofundamento, sugerimos: PEREIRA, Rômulo Martins. **O espaço e o tempo como intuições puras**: um estudo acerca dos argumentos presentes nas exposições metafísicas da “estética transcendental”. Disponível em: [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo3/Romulo\\_Pereira.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo3/Romulo_Pereira.pdf). Acesso em: 30 jul. 2021.

No mundo como representação, a vontade encontrou o seu espelho, e a partir disso conhece a si mesma em diversos graus de manifestação, sendo que o mais elevado grau se dá no ser humano, pois a faculdade da razão<sup>7</sup> nos permite olhar o abstrato.

Formar conceitos decantando-os das representações intuitivas: eis, pois, a função da razão, que deve ser encarada como uma referência – mediante o seu emprego ou não – para se poder designar o que é racional. Por isso, com a consideração dessa função é possível explicitar todos os fenômenos que diferenciam a vida do homem da dos animais (Debona, 2008, p. 26).

A vontade, sendo por si, é destituída de conhecimento, é apenas uma pulsão cega que impulsiona para a vida, e por isso ela objetifica-se, porque a vida só é possível se for representada (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p.318).

Se nos seres racionais a vontade é pensada pela razão e objetifica-se na representação, nos irracionais a vontade não é mais pensada, mas apenas sentida instintivamente, onde se vive o presente até que chegue a morte. Preso à representação e à razão, o homem não aceita que morte e vida são condições da vida, e a união das duas, forma o ciclo que completa o humano. Nascimento e morte não importam para a vontade, pois ela é o presente, ou ainda, um constante vir a ser, mas que nunca é.

---

<sup>7</sup> Para Schopenhauer, a razão é a faculdade de formar conceitos e constitui a segunda forma do princípio de razão, aquela que rege as representações abstratas. O filósofo diz que tudo aquilo que foi considerado em todos os tempos e povos como obra da razão se relaciona visivelmente apenas àquilo que é possível ao conhecimento abstrato, discursivo, reflexivo, ligado às palavras e mediato e não ao conhecimento intuitivo puro, imediato e sensível. Segundo o autor, encontramos em nós apenas as formas da intuição externa, objetiva, o tempo e o espaço, e a causalidade como simples forma do entendimento pela qual ele constrói o mundo físico objetivo, e por fim, a parte formal do conhecimento abstrato, que constitui o objeto da lógica enquanto teoria da razão. (Ramos, 2008, p. 30)

Acima de tudo temos que reconhecer claramente que a forma do aparecimento da vontade, portanto, a forma da vida ou da realidade, é, propriamente dizendo, apenas o PRESENTE, não o futuro nem o passado: estes últimos só existem em conceito, somente em conexão com o conhecimento, na medida em que este segue o princípio de razão (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 321).

O humano considera que o sentido da vida está num elemento racional ou físico, numa fórmula, e essa é crítica de Schopenhauer à filosofia do idealismo. O homem luta por satisfazer a vontade através das coisas do mundo, mas este é um ensaio frustrado, pois vive numa roleta de satisfação e insatisfação, carência e prazer, dor e euforia, e uma infinidade de sentimentos que desencadeiam um pessimismo humano, pois não há realização plena.<sup>8</sup> Por isso Schopenhauer diz que a vida é um vale de lágrimas (Schopenhauer, 1964, p. 48).

Não tem, portanto, satisfação findável. Caso o homem, em uma situação hipotética, atingisse de imediato o alvo, suprimindo todo seu desejo, segundo Schopenhauer, acabaria por cair no aborrecimento, no vazio existencial imenso, pois não teria mais motivos para querer, desejar. Ora, isso seria a extinção da natureza humana, afirma o filósofo. A vontade mesmo sendo irracional, é conveniente, pois o que mantém o indivíduo em movimento é o desejo de viver (Ferreira, 2013, p. 10).

Quando se atinge o ápice do desejo, rapidamente inicia um processo de declínio, de tédio, e disso decorre novamente uma pulsão em busca de uma nova satisfação. É por isso que a vontade é sempre vontade de vida, pois ao deparar-se com a insatisfação, com o fim do prazer, ou ainda com a morte, busca novamente encontrar modos de satisfazer-se.

---

<sup>8</sup> Tolstói, em sua pequena obra: De quanta terra precisa um homem? E outras histórias, apresenta a seguinte afirmação: “E lembrei-me da segunda lição que Deus queria me ensinar: Aprenda o que não é dado ao homem [...] Não é dado ao homem conhecer as suas próprias necessidades” (2021, p. 42-43).

Considerando que o humano busca elementos deste mundo e, portanto, reais para a realização das suas vontades e fuga do sofrimento, inventou ele também um mundo imaginário, de entidades superiores, onde é possível considerar-se comandado e ordenado por deuses e demônios, fazendo com que as situações de sofrimento ou desprazer sejam apenas consideradas como intervenções destas entidades, e não uma própria culpa (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 375). E, ainda, considera que a religião induz o homem a justificar a sua própria existência e estabelecer uma moralidade pautada em meras superstições.

O ser humano é sempre remetido a si mesmo (como em tudo) também na questão principal. Em vão cria para si deuses, para deles obter, por preces e louvores, aquilo que só a sua própria força de vontade pode produzir. Enquanto o Antigo testamento fez do mundo e do ser humano obra de um Deus, o novo testamento viu-se compelido a tornar esse ser humano um Deus, a fim de ensinar que a salvação e a redenção da penúria deste mundo só podem provir do mundo mesmo. Para o ser humano, a vontade é e permanece aquilo de que tudo depende (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 378).

A vontade de vida é a grande mola propulsora do humano. Há uma constante luta pela satisfação individual, e para isso não se mede esforços. Deste modo, cada indivíduo posiciona-se no centro, e dispõe-se a tudo quanto for necessário para autoconservar-se no lugar privilegiado, onde haja predominância da satisfação. Mas como todos os seres humanos desejam esta autoconservação, chega-se a um ponto tal que existe uma luta de todos contra todos pela realização, e não há dificuldade que o impeça de satisfazer-se, e se for necessário, que a vontade do outro seja suprimida em detrimento da própria. Schopenhauer reconhece este estado como deplorável e injusto. A sede por saciar a vontade faz



com que o homem seja egoísta e malvado, de modo que na dor do outro, vejo a minha satisfação.<sup>9</sup>

Agir em razão do bem próprio, mesmo que causando mal ao outro, não faz o indivíduo plenamente realizado. Deste modo, Arthur Schopenhauer acredita que os indivíduos que buscam o seu próprio bem-estar, jamais devem causar dano ao outro, haja vista que a vontade de ser e de viver é comum a toda existência (Ferreira, 2013, p. 11).

Reconhecendo que a vontade é comum a todos os seres, e que o homem deve buscar a satisfação pessoal de tal forma que o outro não seja prejudicado, supõe-se, então, uma igualdade, ou ainda, uma dignidade com vistas para a vontade. Conhecer a vontade do outro e possibilitar a sua satisfação, implica uma transcendência no tocante ao individualismo. “Portanto, o homem justo suprime em certa medida a diferença que o princípio de individuação estabelece entre si e o outro, inibindo seu egoísmo e recusando-se a causar-lhe sofrimento” (Santos, 2010, p. 40).

E ainda, visto que a busca pela satisfação pessoal pode gerar uma guerra de todos contra todos, e que em detrimento da própria vontade, pode-se suprimir a vontade do outro, Schopenhauer aponta que o sofrimento próprio é causado pelo mal do outro. Portanto, o homem deve direcionar as suas vontades não só para o benefício próprio, mas também do outro<sup>10</sup> (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 376).

---

<sup>9</sup> Para um maior aprofundamento e conhecimento de outros dois conceitos centrais, a saber, BOM E MAU, sugerimos a leitura dos §§65, §66, §67, da obra: SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tomo I. Tradução: Jair Barboza. 2. reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

<sup>10</sup> Na obra sobre o fundamento da moral, Schopenhauer cita a passagem do evangelho que diz: “Ama teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22,39), segundo o qual o amor que cada um nutre por si mesmo é tomado previamente como o máximo e a condição de qualquer outro é

Ponderar o querer pessoal conduz o homem ao ponto de transcendência do individualismo. Sendo assim, o próprio sacrifício tem uma justificativa plausível. Quando o homem reconhece que a existência humana se dá por meio da dependência e da relação, gera-se uma unidade e, assim, as dores do outro, são também minhas.

Schopenhauer nos apresenta aqui uma ‘regra moral para a vida’. Tal ‘regra’ resume-se em fazer do amor que sentimos por nós mesmos, o amor dedicado ao outro. À medida com que me amo, devo amar o outro. Destaca-se aqui que amar a si próprio não é um dever, mas é natural e intuitivo, e por isso o amor ao outro deve também ser natural e intuitivo.

Schopenhauer apresenta a ideia da negação da vontade<sup>11</sup> não como negação da representação da vontade, mas negação da vontade em si.

Nada mais difere tanto da negação da Vontade de vida exposta suficientemente nos limites do nosso modo de consideração e que constitui o único ato de liberdade da vontade que emerge na aparência, portanto é, como Asmus a define, a conversão transcendental, do que a efetiva supressão da aparência individual da vontade, na efetividade, pelo SUICÍDIO. Este, longe de ser negação da vontade, é um fenômeno que vigorosamente a afirma. [...] O suicida está para a negação da vontade como coisa isolada e não da espécie [...] O suicida não pode cessar de querer, cessa de viver. [...] a vontade permanece inquebrantável. [...] A vontade não pode ser suprimida por nada, senão pelo CONHECIMENTO, por isso o único caminho de salvação é este: que a vontade apareça livremente, a fim de nesta aparência CONHECER a sua essência. Só em virtude deste conhecimento pode suprimir a si mesma e assim também

---

complementado, de nenhum modo, pelo ‘ama a ti mesmo como a teu próximo’, pelo que cada um sentiria que seria obrigado a muito pouco (SCHOPENHAUER, 2001, p. 31).

<sup>11</sup> Para a negação da vontade, Schopenhauer propõe dois graus. O primeiro é a justiça. “O justo não fere a vontade alheia”. O segundo é a caridade sem interesses. É “onde o individualismo se dissipa” (Santos, 2010, p. 40). Para mais, sugerimos a leitura do seguinte artigo: SANTOS, Katia C. da Silva. **Os graus de negação da vontade e a liberdade na filosofia de Schopenhauer**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/34122/18469>. Acesso em: 21 ago. 2021.

---

pôr fim ao sofrimento inseparável de sua aparência (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 461-464)<sup>12</sup>.

Arthur Schopenhauer nos aponta sobre a diferença entre negação da vontade e suicídio. Esta forma de escape, através do suicídio, é a supressão de um desejo pessoal, pois em situações de extremo sofrimento, decide-se não mais sentir e não mais vivê-lo. O fato de tirar a própria vida incorre numa contradição, pois na verdade o indivíduo queria sair do problema e desejava a vida, mas aquilo que para ele significava a vida ou o sentido da vida já não existia mais, deste modo, encontra uma forma para cessar com as insatisfações. Este ato, segundo Schopenhauer, faz apenas acabar a representação da vontade e não o sofrimento ou a vontade em si (Ferreira, 2013, p. 12).

Todo tipo de negação da vontade que implica algum tipo de tormento à representação é já uma afirmação de vontade, e por isso não é negação de

---

<sup>12</sup> [...] no pensamento de Schopenhauer o homem é sempre egoísta, com exceção do momento no qual sente a compaixão ou nega a vontade, assim pensar apenas em si mesmo ou naquilo que é melhor para si mesmo lhe é algo natural e não há como isso não acontecer, assim as tais regras de amor ou dever para consigo mesmo não necessitariam existir em nenhum momento, já que isso seria algo natural do homem, já em relação ao suicídio, a crítica de Schopenhauer que, mesmo não sendo um defensor do suicídio, terá elementos um pouco mais polêmicos de seu pensamento, ele dirá que ele é uma compensação para o homem que, diferentemente do animal, pode “viver” passado e futuro juntamente com o presente graças a razão, como já vimos, coisa que aumentaria ainda mais seu sofrimento. No animal o passado e o futuro não existem, assim como a racionalidade também não. O animal não experimenta o sofrimento de prever uma situação desastrosa ou simplesmente ruim, às vezes inevitável, ou de se remoer em sofrimento por um fato acontecido no passado e que ainda lhe atinge com dor, como acontece nos seres humanos. Para Schopenhauer os motivos que fazem com que um homem não cometa suicídio devem ser motivos muito mais profundos do que aqueles apresentados por Kant. Esses motivos podem ser encontrados em O Mundo como vontade e como representação. Nesse livro o suicídio é apresentado por Schopenhauer como um ato vão, sem sentido, pois exterminaria apenas o indivíduo enquanto toda a espécie permaneceria no sofrimento da vida, a essência de tudo, sempre uma, a vontade, continuaria a existir assim como a dor. Longe de ser um ato de negação da vida, que Schopenhauer defende como a mais alta meta da vida, talvez sua única meta, o suicídio é um ato de afirmação equivocada da vida, fruto do apego aos prazeres terrenos que tantos nos escravizam ou a própria vida (Gutierrez, 2010, p. 35).

vontade em si, mas da representação da vontade. Uma completa negação da vontade é atingida através ascese<sup>13</sup>.

As coisas começam a ficar um pouco menos sombrias justamente quando reconhecemos que, se a Vontade é a única essência que habita em todos nós, o sofrimento de um indivíduo é também o sofrimento de todos. É certo que Schopenhauer não afirma que todos sejam capazes de alcançar este conhecimento. Na verdade, de acordo com ele, poucos são aqueles capazes de genuinamente reconhecer no sofrimento do outro seu próprio sofrimento. Não obstante a raridade deste fenômeno, ele existe e é conhecido como compaixão (Oliveira, 2002, p. 76)<sup>14</sup>.

O pessimismo schopenhaueriano se dá porque a missão do homem é libertar-se da vontade, e este é o único meio de acabar com o sofrimento da existência. Deve-se aniquilar o egoísmo. Conforme já visto, este processo exige renúncia, e exige que o indivíduo saia do lugar cômodo e possibilite ao outro realizar-se (Gutierrez, 2010, p. 35).

## 2 O mundo como vontade

O movimento da natureza possibilita reconhecer a exteriorização de uma força que age e é universal a todos os seres vivos. Em todas as aparências existe uma essência que se desvela em milhares de formas, mas tudo isso é ainda um mistério do ponto de vista racional, pois essa vontade vive velada por detrás das

---

<sup>13</sup> A ascese é uma pobreza voluntária e intencional que se origina com um fim em si mesma, e que causa uma mortificação contínua dos desejos. Através do autoconhecimento passa a existir a repugnância da vontade, ou seja, não se anula a vontade, mas cria-se um domínio sobre a efetivação de tais desejos, trata-se de uma disciplina (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 443).

<sup>14</sup> Para mais, sugerimos a seguinte leitura: OLIVEIRA, André H. M. V. de. **Compaixão e solidariedade**: um diálogo entre Schopenhauer e Rorty. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/536/257>. Acesso em: 18 set. 2021.

muitas facetas em que se manifesta, as quais não são notadas por completo. É ao mesmo tempo o uno e o tudo. Esta força ou essência íntima denominamos, de acordo com Schopenhauer, vontade (Schopenhauer, 2015, Tomo II, p. 384).

Opondo-se à afirmação de Kant, que acreditava que “a razão se ocupa dos princípios determinantes da vontade, a qual é uma faculdade ou de produzir objetos correspondentes às representações, ou de se determinar a si mesma a produção dos mesmos” (Kant, 1999, p. 23). Para Schopenhauer, a razão tem por finalidade ser um instrumento que auxilia no esclarecimento das vontades, mas não altera em nada a sua natureza. Não obstante haver quem acredita ser guiado pela razão, Schopenhauer, em seu sistema filosófico, quer assegurar que toda ação é produto de uma vontade irracional e, ainda, que toda a nossa ação é um reflexo de nossa vontade.

Porém, como é o querer livre que se torna visível na pessoa e em toda a sua conduta, estando para esta como o conceito está para a definição, segue-se que cada ação isolada do ser humano deve ser atribuída à vontade livre e também se apresenta imediatamente enquanto tal à consciência: eis por que cada um de nós, como dito no livro segundo, considera a si mesmo *a priori* [...] livre (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 334).

Deste modo, cada indivíduo é uma manifestação das suas vontades, não dependendo de influências externas. Disso decorre que o conhecimento de si e do outro só é possível ao longo da existência e experiência. Schopenhauer aponta, portanto, que o homem não pode decidir “ser isto ou aquilo, nem tornar-se outrem, mas é de uma vez por todas, e sucessivamente conhece o que é” (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 338).

A consciência está para a vontade e vice-versa. Assim como a corda que vibra está para a caixa de ressonância, ou a luz está para o objeto que a reflete.

---

Como simbologia, Schopenhauer apresenta o exemplo das plantas. Como se sabe, elas possuem duas extremidades, raiz e corola: a primeira sempre busca a profundidade, a escuridão, a umidade e tudo quanto for necessário para que se mantenha viva, já a segunda, busca luz, calor e sequidão. A fronteira entre raiz e corola é o rizoma, parte que está rente o solo.

A raiz é a parte essencial da planta, de onde se recebe a maior parte e os mais importantes nutrientes. Quando a corola padece, é porque a raiz já está fraca e não tem mais condições de mantê-la viva. Neste momento começa uma situação que quase todas as pessoas já puderam presenciar, a corola começa a se curvar à raiz como que falando: 'reage, eu preciso que você se mantenha forte para que eu sobreviva!'

"A raiz representa a vontade, a corola o intelecto e o ponto de fusão entre ambas, o rizoma seria O EU, que como ponto limite comum, pertence aos dois" (Schopenhauer, 2015, Tomo II, p. 245). Para que haja uma grande corola, deve haver uma grande raiz, igualmente, grandes capacidades intelectuais emergem de vontades energéticas e apaixonadas.

Uma vez que a vontade como *coisa em si* é tomada como realidade independente e ativa, o entendimento não consegue prever as determinações da vontade. Apenas por experiência é informado das decisões, ou seja, "como um subordinado fica sabendo das decisões do seu superior apenas posteriormente, a inteligência não pode de modo algum prever o teor das decisões e pode estar certa de que sempre chegará atrasada" (Pernin, 1995, p. 97).

Firma-se, portanto, que a vontade é uma potência imanente que 'da corda no sistema' e impulsiona a ação de cada ser vivo, acentuando-se no humano. "A Vontade é insaciável. Os seres são como viajantes sedentos que caminham pelo deserto. A cada nova miragem, partem com anseio em busca da água a fim de

matar a sede” (Petrich, 2008, p. 66). Há uma constante aspiração pelo novo e a vontade se retroalimenta.

Na obra *As Dores do Mundo*, Schopenhauer afirma que a: “a vida não se apresenta de modo algum como um mimo que nos é dado gozar, mas antes como um dever, uma tarefa que tem de se cumprir a força de trabalho” (Schopenhauer, 1964, p. 11). Este é um dos motivos pelos quais o homem vive um trabalho sem descanso.

Diante disso, há duas possibilidades de enfrentamento para a questão: seguir afirmando e vivendo sob o domínio da necessidade e do individualismo, querendo tudo para si, colocando-se sempre como o centro de tudo, num pedestal, e ignorando tudo que o contrarie; ou pode fazer o papel inverso, voltando-se para si, negando os desejos e vontades<sup>15</sup> e reconhecendo as dores e angústias do mundo como as suas próprias e, portanto, que estes elementos são constituintes do humano.

Estas duas vias propostas por Schopenhauer dão ao ser humano a possibilidade de escolher o seu modo de vida. Arthur ainda destaca que caso seja escolhida a segunda opção, há possibilidade de se chegar ao asceticismo.<sup>16</sup> “Por

---

<sup>15</sup> Existem graus da negação da Vontade e, para tal, a intuição estética, embora num nível menos intenso, apresenta-se como determinante por tratar da contemplação do belo. Mas, sobrepondo-se à *estética*, é a ética que oferece um grau maior e mais intenso desta negação, dado que, muito mais que o contemplador estético, o santo e o asceta são capazes de tornar essa negação duradoura e, por isso, chegar a um “conhecimento do todo da vida” (DEBONA, 2008, p.56-57).

<sup>16</sup> Já mencionamos anteriormente sobre o conceito de ascese proposto por Schopenhauer. Sobre o asceticismo, não iremos aprofundar e, por isso, sugerimos a seguinte leitura: COELHO, Fabiano de S. **A evolução do movimento ascético e de renúncia sexual no mundo romano na antiguidade tardia.** Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/download/5099/fabianov5n2.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021. CASORETTI, Anna Maria. **O surgimento da ascética da alma na antiguidade grega: orfismo e pitagorismo.** Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11653>. Acesso em: 2 out. 2021.

---

isso, com frequência se veem pessoas que levavam uma vida bastante agitada no ímpeto das paixões, reis, heróis, aventureiros, subitamente mudarem, entregando-se à resignação<sup>17</sup> e à penitência, tornando-se eremitas e monges” (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 457).

Dessa maneira, negar a vontade requer do homem o abandono total da sua individuação que o inclina a cometer injustiças, sendo necessário também que ele reconheça o sofrimento do outro e iguale-se a ele. Mas, principalmente exigem dos indivíduos o desgosto e repúdio por essa essência que causa conflitos no mundo e desvia-o da virtude, isto é, o bloqueio da vontade consiste em rejeitar os prazeres onde o homem torna-se indiferente a tudo, sendo levado ao completo abandono de si mesmo. Enquanto fenômeno, o homem é um elo da cadeia causal do mundo fenomênico (Ferreira, 2013, p. 18).

Schopenhauer sugere alguns exercícios para a negação da vontade e, conseqüentemente, para o asceticismo. O primeiro passo é a castidade. “Seu corpo saudável e forte exprime o impulso sexual pelo seus genitais, porém ele agora nega a vontade. [...] A castidade, assim, nega afirmação da vontade” (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 442). O segundo passo é a pobreza voluntária e intencional, que não se origina por acidente, mas como um meio que o faz afastar-se das tentações que a ostentação traz.

Todas as renúncias que o asceta faz são encaradas com mansidão e paciência. Este exercício o faz não mais obedecer a vontade. Aquele que nega a vontade, ao contrário do que parece, é cheio de alegria interior e verdadeira paz celestial, por mais pobre, destituído de alegria e cheio de privações que possa parecer o seu estado de vida.

---

<sup>17</sup> Resignação é um conceito que aparece com maior ênfase a partir do quarto livro da obra: *O mundo como Vontade e Representação*. Schopenhauer considera que a resignação deve ser a meta final para que se alcance a libertação do mundo.



Eles não têm um estilo de vida turbulento, eufórico, como no caso de quem busca tão somente satisfazer as vontades físicas. Este estilo de vida conduz o humano à paz inabalável, à calma e à jovialidade interior. Diante de um asceta, de imediato se percebe um indivíduo, que irradia algo que transcende os limites da razão.

As realizações que o mundo oferece são como uma mera esmola, semelhante a que se dá ao mendigo. Esta o mantém vivo hoje, porém amanhã já terá acabado, e a fome retornará. Ao contrário disso, tem-se a resignação<sup>18</sup>, onde é possível ao humano, não obstante às angústias, viver em paz consigo.

Eis porque um tal conhecimento não se torna para ele um quietivo da Vontade, não o salva para sempre da vida, mas apenas momentaneamente, contrariamente (...) ao santo que atinge a resignação. Ainda não se trata para o artista, da saída da vida, mas apenas de um consolo ocasional em meio a ela; até que sua força é aí incrementada, finalmente cansa-se do jogo, e se volta para o sério (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 309).

Schopenhauer observa a relação entre o conhecimento e o processo de libertação ou resignação. Para ele, o mundo é o espelho das vontades do homem e, por isso, quando o humano se acalmar, o mundo irá se acalmar. O autoconhecimento da vontade traz consigo a possibilidade da redenção.

Seguindo esta perspectiva, pode-se observar uma objetificação da vontade, o que não está errado, porém há um sobressalto da prática em relação à teoria.

---

<sup>18</sup> Este é um conceito central, e por isso sugerimos a leitura do seguinte texto: PETRICH, Lademir Renato. **A resignação como processo libertador da vontade na filosofia de Arthur Schopenhauer**. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF\\_8dacc8c966fecc1933cdd10b166425c7](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_8dacc8c966fecc1933cdd10b166425c7). Acesso em: 02 out. 2021.

Deste modo, deve-se estar ciente de que há uma teoria por detrás disso tudo. Na obra *Parerga e Paralipomena*, Arthur Schopenhauer nos indica que “o pensamento de que o mundo possui apenas uma significação física e não moral, constitui o mais grave engano, originado pela pior perversidade do espírito” (Schopenhauer, 1988, p. 187).

Para que o processo não seja somente no campo prático, Schopenhauer sugere que se observe a teoria dos Santos e ascetas.

No cristianismo mais letrado vemos aquele gérmen ascético desabrochar em vistosa flor nos escritos dos santos e místicos. Estes pregam, junto com o mais puro amor, também completa resignação, voluntária e absoluta pobreza verdadeira serenidade, indiferença completa pelas coisas mundanas, mortificação da própria vontade e renascimento em Deus, completo esquecimento da própria pessoa e imersão na intuição de Deus (Schopenhauer, 2015, Tomo I, p. 448).

Quando se analisa a biografia dos santos, nota-se que a história de cada um é sempre cheia de lutas, combates contra si mesmo e deserções da graça. Cada um reage às suas vontades de forma enérgica, porém pouco a pouco eles acessam a liberdade. É por isso que aqueles que encontram esta via não desistem dela, pois veem aí o melhor dos caminhos mesmo que com as tantas dificuldades.

O conflito da vontade entra em luta consigo mesmo, ao negar aquilo que o fenômeno quer. Este é um dos motivos pelos quais poucos se lançam neste caminho, pois ao deparar-se com as renúncias, preferem o caminho da angústia e satisfação das vontades corporais, do que a possibilidade de uma ascese pela via das renúncias.

Todo sofrimento que se torna conhecimento conduz o homem à resignação e conseqüentemente à libertação. O humano tem a possibilidade de olhar para a

sua história de duas formas: ou como sofrimento ou como realidade. Cabe a cada um escolher por qual via deseja viver o resto dos seus dias.

### **Considerações finais**

Dentre as tantas sínteses que podem ser feitas deste trabalho, destacamos os seguintes pontos. Arthur Schopenhauer é, sem dúvidas, um grande expoente do processo filosófico, mesmo não tendo sido muito reconhecido em sua vida terrena. As suas contribuições, de modo especial às relacionadas aos conceitos de representação e vontade, possibilitam descobrir a essência do mundo. Além do mais, oferecem a possibilidade de olhar não mais pela perspectiva da velha metafísica e do racionalismo alemão, mas conciliar, por meio da vontade e representação um nova perspectiva de essência do mundo.

Nesse sentido, buscou-se apresentar o mundo como representação e como vontade. Schopenhauer reconhece e valoriza todo o trabalho de Kant, pois a manifestação sempre ocorre dentro das categorias de espaço e tempo. Todavia, esta é uma realidade parcial, e por isso ele apresenta que deve haver algo que impulsiona esse mundo fenomênico. A este impulso ele chama de vontade, que é a grande mola propulsora do fenômeno.

Diante desta vontade, o mundo, mas de modo especial os seres racionais, ficam expostos a uma submissão completa, e isso pode desencadear um sistema caótico, pois em cada indivíduo se manifesta uma vontade diferente. Como solução, Schopenhauer apresenta a negação da vontade, e isso significa dizer que cada indivíduo deve pensar coletivamente, ciente de que todos têm vontades, e por isso a manifestação de cada um deve ser respeitada.

Firma-se, portanto, que a vontade é uma potência imanente que ‘da corda ao sistema’ e impulsiona a ação de cada ser vivo, acentuando-se no humano. “A Vontade é insaciável. Os seres são como viajantes sedentos que caminham pelo deserto. A cada nova miragem, partem com anseio em busca da água a fim de matar a sede” (Petrich, 2008, p. 66). Com isso, há uma constante aspiração pelo novo e a vontade se retroalimenta.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CACCIOLA, M. L. **Schopenhauer e a questão do dogmatismo**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1994.

DEBONA, Vilmar. A presença da literatura nos “argumentos” de Schopenhauer a favor da primazia da vontade sobre o intelecto. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 111-123, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378633724>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33724/18263>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DEBONA, Vilmar. **Schopenhauer**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

DECOCK, Diana; DEBONA, Vilmar. Tradução dos manuscritos póstumos de Arthur Schopenhauer. Manuscritos Juvenis. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 8, n. 1, p. 215-225. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378633771>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/download/33771/18296>. Acesso em: 9 jul. 2021.

DIAS, Sara Pereira. **A compreensão de Schopenhauer da coisa em si**. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, Allanah S. Leonêz. Sobre a responsabilidade moral em Schopenhauer. In: BAVARESCO, Agemir et al. (Orgs.). **Coleção ANPOF XVIII encontro**. 2019. p. 29-34. Disponível em: <https://anpof.org/wlib/arqs/publicacoes/32.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FERREIRA, Angelina Lauriano. O conceito de vontade em *O Mundo como Vontade e Representação*, de A. Schopenhauer. **Revista Eros**, v. 1, n. 1, p. 5-22, out./dez. 2013. Disponível em: <https://helius.uvanet.br/index.php/eros/article/download/31/11/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GUTIERREZ, Leandro Cardoso. **O fundamento da moral no pensamento de Arthur Schopenhauer**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução: Manuela Pinto e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MARTÍNEZ, L. Horacio. A recusa de Schopenhauer ao “livre-arbítrio” da moral kantiana. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 17, n. 21, p. 45-68, maio 2005. DOI: <https://doi.org/10.7213/rfa.v17i21.1120>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/1120>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MORAES, Dax. A inocência da vontade. In: CORREIA, Adriano; DEBONA, Vilmar; TASSINARI, Ricardo (Orgs.). **Coleção ANPOF XVII encontro**. 2017. p. 276-287. Disponível em: <https://anpof.org/wlib/arqs/publicacoes/32.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MORAIS Alexander A. O conceito schopenhaueriano da vontade: uma leitura do livro II de o mundo como vontade e representação. **Cadernos do PET de filosofia**, v. 3, n. 6, p. 35-49. Jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfil.v3i6.826>. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/download/826/780>. Acesso em: 12 mar. 2021.

OLIVEIRA, André H. M. V. Schopenhauer e a refutação do livre-arbítrio a partir do princípio de razão suficiente. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, v. 6, n. 16, p. 83-101, 2014. Disponível em:  
<https://www.theoria.com.br/edicao16/04SCHOPENHAUEREAREFUTACAODOLIVREARBITRIO.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

OLIVEIRA, André H. M. V. de. Compaixão e solidariedade: um diálogo entre Schopenhauer e Rorty. **Griot - Revista de Filosofia**, v. 6, n. 2, p. 73-82, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v6i2.536>. Disponível em:  
<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/536/257>. Acesso em: 18 set. 2021.

PETRICH, Lademir Renato. **A resignação como processo libertador da vontade na filosofia de Arthur Schopenhauer**. 2008. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juíz de Fora.

ROCHA, Libório Filho. **O conceito de servo arbítrio em Schopenhauer**. 2000. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

ROCHA, Ricardo A.; MELO, Iago D. S. Notas sobre o pensamento autêntico em Schopenhauer. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 17, n. 31, p. 51-70, jun./dez. 2017. Disponível em:  
<https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1782>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTOS, Katia C. da S. **O problema da liberdade na filosofia de Arthur Schopenhauer**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Katia C. da Silva. Os graus de negação da vontade e a liberdade na filosofia de Schopenhauer. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 1, n. 2, p. 33-47, jul./dez. 2010. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/34122/18469>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O livre arbítrio**. Tradução: Lohengrin De Oliveira. 2. ed. São Paulo. Editora Edições e publicações Brasil editora, 1952.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e paralipomena** § 69, p.67. In: Schopenhauer. Tradução: MAAR, Wolfgang L.; CACCIOLA, Maria. L. M. O. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a vontade na natureza**. Tradução: Gabriel Valladão da Silva. Porto Alegre: Editora L&PM, 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução: Jair Barboza. 2. reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SILVA, Luan Corrêa. **Metafísica prática em Schopenhauer**. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOARES, Vinícius de Castro. **Teleologia e vontade em Schopenhauer**. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.